



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 2 DE SETEMBRO, DE 2024 - 21H00

Sessão 13 “LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES” (1981)



Ocasionalmente tivemos a oportunidade de ver, quase consecutivamente, três dos mais importantes filmes de terror que a América produziu nos últimos dois anos: “O Uivo da Fera” (The Howling), de Joe Dante, este “Um LobisOMEM Americano em Londres”, de John Landis, e ainda a nova versão de “The Cat People”, assinado por Paul Schrader. Curiosidade, em todas as obras o mal existe como maldição, não como representação autónoma. Tentando explicitar melhor: é regra dos filmes de vampiros, por exemplo, identificar a personagem do vampiro com o mal. Drácula corporiza o mal e difunde-o através da sensual dentadinha no pescoço que multiplica a espécie. Ao invés, o mito do homem-lobo é de natureza diferente: homem-lobo é uma personagem possuída pelo mal, encarnando-o durante o

curto período que duram os ataques, mas o ser que assim se comporta fá-lo por maldição. Não é intrinsecamente mau, muito pelo contrário. É acidentalmente, e em muitos casos só ambiciona ser liberto dessa maldição. Em “The Howling” há mesmo quem agradeça a morte como forma de pacificar o espírito. Em “An American Nerewolf in London” o mesmo se passa: o «monstro» despede-se ternamente da família e caminha para a morte, como quem sabe que se vai imolar, em nome da amizade e do amor. Em nome da humanidade. E do seu futuro. Alguém que se oferece ao suicídio para que a espécie possa continuar incólume.



É interessante verificar que, numa outra perspectiva, “The Cat People” regressa ao tema da maldição que pese sobre uns quantos humanos. Mas há mais. Sintomaticamente, o regresso do mito homem-lobo é o mais versado nos últimos anos, em matéria de cinema fantástico. Um título, visto no último Fantasporto, “El Regreso del Hombre-Lobo”, do espanhol Vicente Molina, colocava mesmo o homem-lobo como herói (personagem positivo) que acabava lutando com o vampiro (o mal), destruindo-o e destruindo-se a si próprio. Porquê este interesse por uma mitologia que nos diz que o homem não é mau intrinsecamente, que o mal é uma carga que ele transporta e que se liberta de tempos a tempos, mas de que se pode desprender definitivamente, aniquilando essa parte da sua natureza? Eis um tema para futuras reflexões, que hoje apenas nos interessou aqui lançar à circulação.



Sem querermos adiantar outras razões, julgamos que uma das mais significativas terá sido o progresso ao nível dos efeitos especiais, que permitem mutações de excepcional efeito e que o homem-lobo possibilita desenvolver em toda uma gama de situações, dificilmente comparáveis noutros monstros. Na verdade, o momento de transformação do homem em animal adquiriu nos últimos tempos uma grande perfeição técnica e estes filmes desenvolvem-se admiravelmente.

De qualquer forma, o interesse desta corrente do fantástico moderno não se restringe a essas capacidades de ordem técnica, e “Um Lobisomem Americano em Londres” é bem testemunho do que afirmamos. Trata-se efectivamente de uma etapa extraordinariamente importante para a renovação e modernização de um «género», incutindo-lhe um fôlego novo.

Apesar de poder ser apresentado como uma comédia de humor negro (e o humor está sempre presente neste filme de John Landis), a verdade é que esta obra não é essencialmente uma comédia, mas aproxima-se mais de uma tragédia moderna: dois amigos, jovens americanos em férias no Norte de Inglaterra, são atacados por um monstro, que mata um deles e deixa o outro marcado pelas suas afiadas garras. Os habitantes da zona nada dizem, fechando-se num mutismo comprometedor. David, o sobrevivente, porém, depois de uns dias passados no hospital, começa a ser visitado pelo fantasma desfigurado do amigo, que o informa ser ele agora um homem-lobo, e que o melhor será suicidar-se, para que todos os outros possam descansar em paz e, simultaneamente, terminar com a espécie ao cimo da Terra. David, de início não acredita no que vê e ouve, mas, quando começa a sofrer dolorosas transformações que o obrigam a sair para a rua estilhaçando transeuntes, acaba por acreditar e aceitar o destino que o amigo lhe indica.

Dito assim, as cores são negras e o ambiente pesado. De John Landis, não recusando o terror e o clima de tragédia que o filme por vezes assume, trata o todo com uma desenvoltura de humor que lhe permite abrir o filme ao som de «Blue Moon» (é, como se sabe, em noite de lua cheia que os homens-lobos se transformam e descem ao povoado). O humor, no entanto, é atravessado por uma inquietação sibilina, que culmina em sequências de um patético admirável. Há um pouco de Henry James nesta história de dois americanos que se deixam contaminar pela velha Europa. Globalmente, o resultado é inesperado como o género híbrido, e como obra «de autor». Aliás, este filme, que a princípio tudo leva a crer ser uma obra de reduzido orçamento, filmada em «décors» naturais, com poucos actores, explode subitamente numa antológica sequência de destruição em Piccadilly Circus, que só terá paralelo numa outra do mesmo Landis, em “The Blues Brothers”, com a destruição de um supermercado. Gerado o caos, que se ultrapassa com o olhar tolhido pelo pânico, fica a história de amor impossível: um corpo de jovem atravessado de balas, escorrendo fios de sangue para a noite londrina.

Excelentemente conduzido, com um trabalho de trucagem verdadeiramente impecável (com a assinatura de Rick Baker, Óscar merecido para efeitos especiais em 1981), “Um Lobisomem Americano em Londres” é mais uma data indispensável na história do cinema fantástico.



UM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES

Título original: An American Werewolf in London

Realização: John Landis (EUA, 1981); Argumento: John Landis; Produção: George Folsey Jr., Peter Guber, Jon Peters; Música: Elmer Bernstein; Fotografia (cor): Robert Paynter; Montagem: Malcolm Campbell; Casting: Debbie McWilliams; Direcção artística: Leslie Dilley; Guarda-roupa: Deborah Nadoolman; Maquilhagem: Elaine Alexander, Rick Baker, Doug Beswick, Kevin Brennan, Robin Grantham, Tom Hester, Steve Johnson, Beryl Lerman, Shawn McEnroe, Barry Richardson, Joseph Ross, Bill Sturgeon, Craig Reardon; Direcção de produção: Joyce Herlihy; Assistentes de realização: Russell Lodge, Michael Murray, David Tringham; Departamento de arte: Frederick Crawford, Len Furey, Tommy Green, Fred Gunning, Dave Jordan, Vince Murphy, John Roberts, Thomas Tarry; Som: John Poyner, Don Sharpe, Ivan Sharrock, Ken Weston; Efeitos especiais: Neil Corbould, Martin Gutteridge, Garth Inns; Efeitos visuais: Costas Charitou, David Smith; Companhias de produção: Polygram Pictures, Lycanthrope Films, American Werewolf; Intérpretes: Joe Belcher (Condutor de Truck), David Naughton (David Kessler), Griffin Dunne (Jack Goodman), David Schofield (Jogador), Brian Glover (jogador de xadrez), Lila Kaye, Rik Mayall, Sean Baker, Paddy Ryan, Jenny Agutter, Anne-Marie Davies, John Woodvine, Frank Oz, Don McKillop, Paul Kember, Colin Fernandes, Albert Moses, Jim Henson, etc. Duração: 97 minutos; Distribuição em Portugal: inexistente; Distribuição internacional: Universal (Espanha); Classificação etária: M/ 16 anos; Estreia em Portugal: 28 de Maio de 1982.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 9 DE SETEMBRO DE 2024

MASTERCLASS Cinema Americano Anos 80 21H00 (entrada livre)

“HALLOWEEN II O GRANDE MASSACRE” de Rick Rosenthal / 1981